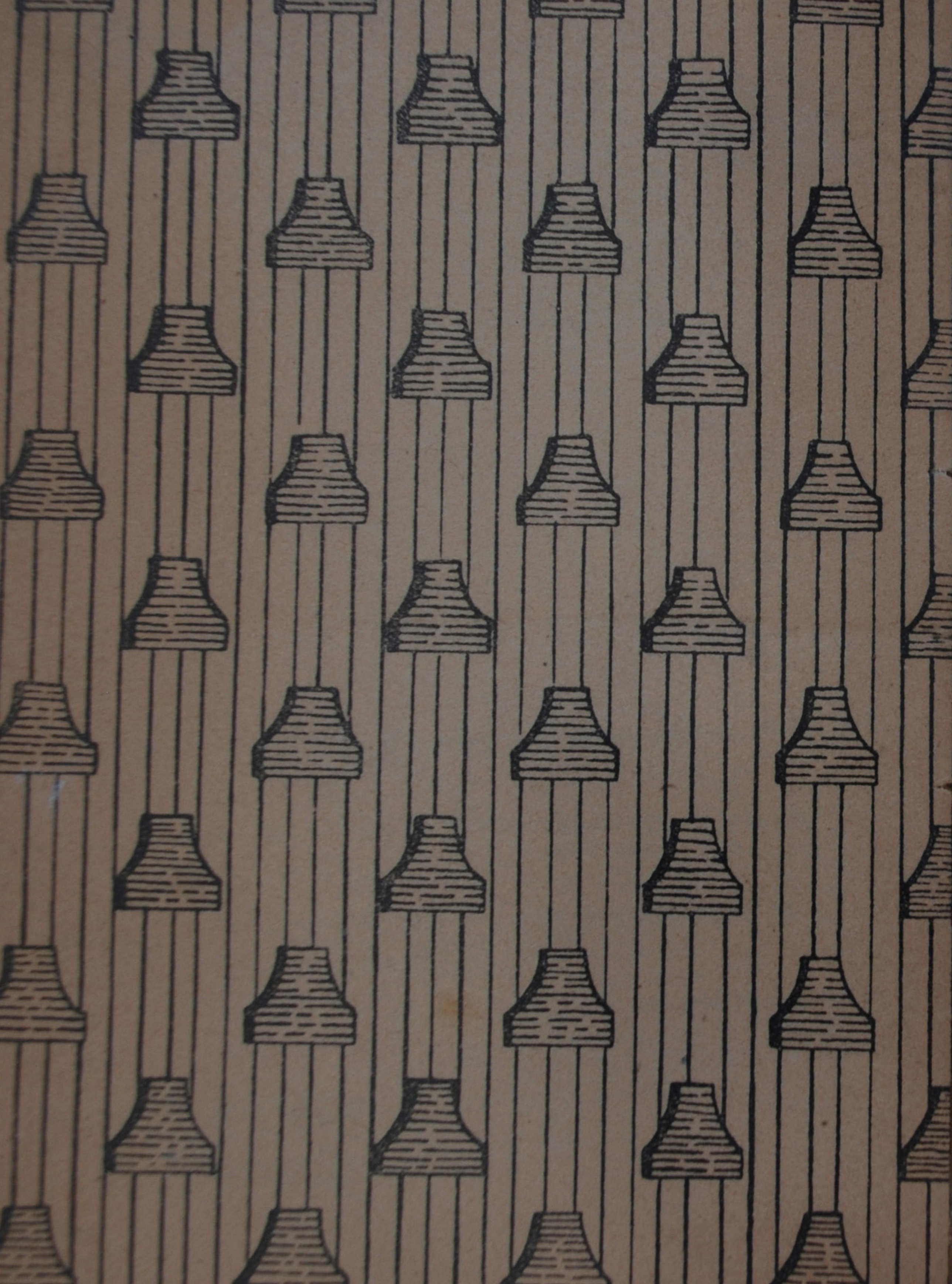
DA CUNHA DIAS

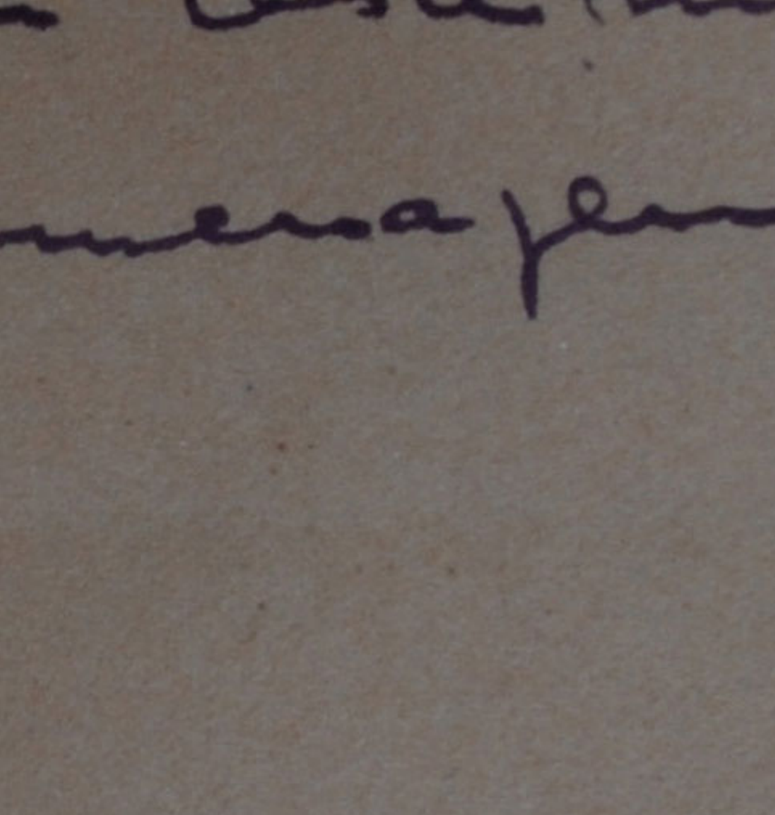
O desfalque do tesouro



VIRTUTEM EX ME

FORTUNAM EX ALIIS

Para o
Fernando Nogueira Pessôa,
em testemunho de amizade.
homenagem do



Janeiro
1926

COMPOSTO E IMPRESSO
NA
OTTOSGRAFICA
CONDE BARÃO, 50
LISBOA

O DESFALQUE DO TESOURO

DO AUTOR

Sôbre um Decreto — 1917 (esg.)
Um Lance — 1919 (esg.)
Memórias de Ruy Pereira — 1920 (esg.)

DA CUNHA DIAS

O desfalque do tesouro

Factos & Comentarios

á Administração Pública

Livrarias
AILLAUD & BERTRAND
PARIS—LISBOA
1925

Propriedade do autor

980

DEDICATÓRIA

Á

MEU FILHO

TELO DA CUNHA

NASCIDO EM

DESOITO DE SETEMBRO

DE MCMXXIV

DIA EM QUE INICIEI

ESTA CAMPANHA

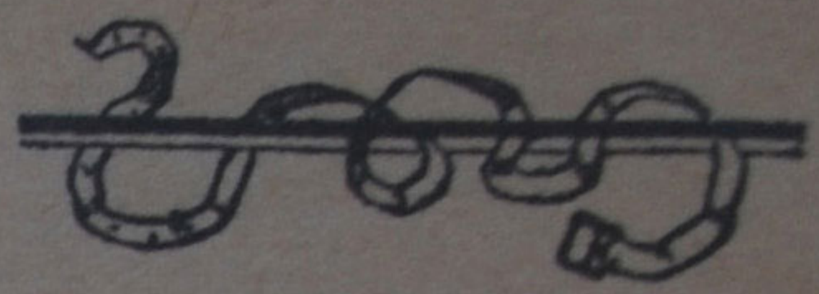
DEDICO ESTE LIVRO

ROGANDO A DEUS O ELEJA

PARA O COMBATE

E

PARA A VITORIA



ADVERTENCIA

LEITOR

NÃO publico êste livro, compilação de artigos de jornal, por alcançar a celebridade, e por ela atingir a glória que diviniza os homens, imortalizando-os.

Não. Eu sei, Leitor, que essa imortalidade, que aliás não busco por tão impróprios meios, é breve.

Eu sei: — tudo passa.

ANTES de mim, por êsses séculos além, outros, e tantos, dominados pela ânsia torturante da perfeição, moldaram na sua língua, na cadência dos ritmos e na orquestração harmónica dos sons, cânticos e hinos, e celebraram e cantaram os deuses e os heróis, a mulher e o amor, e a graça, e o vinho, e a côr... e passaram. E outros vieram, e outros, e passaram... E homens doutos reüniram

numa biblioteca ampla o saber e a beleza de milhentos anos, e numa noite Omar, o conquistador, abrasou com a sua fé a biblioteca de Alexandria.

E tudo ardeu. E a chama da mesma labareda que consumiu as obras apagou o nome dos seus autores.

EU sei que a imortalidade é breve. E não alimento, nem me deixaria possuir por sentimentos de vaidade incompatíveis com o meu orgulho. Eu prezo-me a mim!

TUDO é efémero. E a vida é como o vento que por êste Abril sopra cortante espalhando em terra sob a minha janela as flores das olaias.

E a terra é mais linda assim, atapetada pelo vermelho quente da flor das olaias, porque o vento, efémero como a vida e que como a vida sempre se renova em todos os Abris, soprou cortante...

REUNO num livro êstes artigos de jornal, que firmei, sôbre um dos muitos casos de corrupção em que, tristemente, é abundante, no momento que corre, a pública governação em Portugal, para aproximar os factos determinantes da sua publicação e o ambiente em que surgiram. E assim fazendo-os ressaltar do fundo que lhes é próprio e indo-os colhêr à dispersão de vários números de jornal para os ajuntar, insistir ainda, sublinhar a intenção que me levou a publicá-los.

Não tem nenhum outro fim o presente volume.

ESTA hora que passa, em que tudo se agita e revolve, última hora de decadência sôbre que se debruça a desolação dos scépticos auscultando o estertor da agonia da nossa Raça, é para a minha fé de crente, e para a lógica firme do meu pensamento, o vacilante e incerto caminhar do começo de um ressurgimento.

E já que nesta hora vivo, e outra me não é dado escolher, seja a minha pena como o vento cortante de êste Abril, que descola dos troncos e espalha pelo chão as flores das olaias.

E sob os passos dos meus filhos a terra será mais linda...

NENHUM outro qualquer objectivo pretende alcançar o presente volume. Pode ser, e não me causa surprêsa se assim fôr, que terceiros, os muitos maldizentes, me atribuam outros fins, e, pesquizando em si próprios, me assaquem intenções concordes com o espírito sórdido de ganhuça que os anima. Não me interessa que o suponham, porque me não prejudica que o divulguem. Nestes períodos em que tudo se remove não se considera por virtude a isenção, e nenhum transtôrno me causa, prejuízo algum me acarreta ser julgado como venal ou ganancioso por uma opinião leviana.

E sôbre o moral dos actos da minha vida importa-me sòmente o que possam julgar meus filhos — quando forem grandes, e Deus — quando eu morrer.

Dos mais, e seus aplausos ou censuras, estou de sobejo acautelado no desdém com que os olho.

O ensinamento feito por uma castigada experiência de longos anos trouxe-me o conhecer da sociedade do meu tempo. E sôbre os juízos dos meus contemporâneos posso aferir com segurança o preço em que se devem estimar.

De resto êles opinam porque existem, e como sou inteiramente alheio à sua gestação, alheias, por estranhas, são para mim as opiniões e os juízos que emitam ou lhes respeitem.

Por culpas de outros — graves culpas — as mães dêles os conceberam, e mêses depois os pariram com a vida precisa para comigo coexistirem.

Por culpas de outros, que não minhas, basta que padeça o que fôrça maior me não consente impedir: — a repugnância que me causa o hálito da sua presença.

E vem esta inconveniente e brutal expansão de sinceridade para não se coïbirem os muitos, que nêstes periodos de transição sempre são plural porque formam legião, e que covardemente, anònimamente, me abocanharam procurando denegrir a minha reputação, quando em Setembro passado publiquei os artigos que neste volume se contêm. Não vale uma hesitação, não vacilem: — É fartar!

QUANDO foi da publicação dos artigos sofri-lhes o embate.
Quis o destino que coincidisse a publicação do primeiro artigo com o nascimento de meu filho Telo.
Saíu o jornal às sete e meia da manhã, e meu filho nasceu às sete e meia da tarde. Considerei a coincidência de bom agoiro. E foi.
Meu filho vive, Deus seja louvado!
E através de uma tenaz oposição, surda e rancorosa, eu mantenho-me.

SÓ volvidos sete meses, lanço êste livro à estampa porque contendo graves acusações a um homem escolhido para ministro, eleito depois alto-comissário da República em Angola, e, logo após, demitido sem que che-

gasse a pisar terras de Áfrika, me pesava insistir numa acusação que atingia um vencido. Hoje a situação mudou.

Volta o Senado da República a eleger para alto-comissário em Angola o mesmo que se guindou na vida política firmando-se no desfalque de um milhão e trinta mil libras dos cofres do Tesouro Público.

O vencido de ontem é hoje um poderoso:

— Decido-me!

E faço votos, Leitor, porque esta minha decisão possa contribuir para sanear os costumes políticos em Portugal.

E a meus Filhos aproveite concorrendo para lhes preparar nesta nossa Pátria uma sociedade mais limpa que aquela que os viu nascer.

JÁ que é minha sina sofrer as durezas da adversidade dêste meu severo destino, e nada — nem o meu lar — me é dado construir, seja a minha efémera vida como o vento cortante que sopra por êste Abril...

1925

DA CUNHA

CONTA O AUTOR COMO POR BEM FAZER MAL HOUVE, E QUE INESPERADOS MEIOS O LEVARAM AO CONHECIMENTO DE UM GRAVE CRIME PÚBLICO.